

AS ESTÓRIAS QUE EU NÃO LHE CONTEI



LUIS MANOEL SIQUEIRA



Liberum Donum

©Luis Manoel Paes Siqueira

AS ESTÓRIAS QUE EU NÃO LHE CONTEI de LUIS MANOEL PAES SIQUEIRA está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)



Capa: Foto de thumbnail_scott-van-hoy-7RlamGIUE8A-unsplash_BACi5vfgKQQ.jpg
Revisão de Celeste Azevedo

AS ESTÓRIAS QUE EU NÃO LHE CONTEI

LUIS MANOEL SIQUEIRA

Recife 2021

“Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque que é a vossa vida?
É um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece”.

(Epístola de Tiago 4 -14)

A noite vem chegando e você ainda está acordado. Não há nada debaixo de sua cama, nem lá fora. Ninguém bateu na janela. O barulho é o vento e a chuva. Faça sua oração e se deite. Você não vai ter pesadelos pois todos já passaram. Agora vem o melhor de todos os sonhos, acredite. A noite passa. O novo dia virá e, com ele, o Sol.

Vá dormir. Eu vou tentar contar histórias que eu nunca lhe contei antes. Somente agora posso fazê-lo. Uma vez eu as escrevi e coloquei dentro de uma garrafa e as joguei no mar. Muitos anos depois, o mar devolveu a garrafa vazia. Não sei se você vai gostar de todas, mas algumas histórias talvez irão lhe impressionar. E não é assim a vida? Elas sempre são muitas, mas nem todas compreensíveis. Paciência! A gente nem sempre compreende tudo o que acontece. Também não vou explicá-las depois. Mesmo se eu tentar, perde a graça. Essas coisas já me cansam. Eu estou muito cansado. Contar as mesmas histórias de reis e dragões por tanto tempo, que “Era uma vez”. Você já conhece todas. As de agora são diferentes: Elas aconteceram e serão as últimas.

As tempestades sempre trazem muitas coisas, Peregrino, quando caem do céu com os trovões e as formigas de asas. Elas também fazem vibrar os vidros das janelas e regem o coral dos sapos. Numa delas eu lhe conheci. Noutra, colhi na areia da praia os destroços de um naufrágio que eu encontrei. Também o mastro de madeira riscado de segredos. Foram muitas tempestades ao todo - Deus sabe quantas vezes caminhei sozinho no meio delas, todo molhado, os trovões explodindo; raios riscando o céu de cima a baixo iluminando o meu caminho. E eu me lembro? Faz tanto tempo que parece e foi um dia desses. Naquela noite, os cachorros começaram a latir. Alguém na porteira falava coisas que eu não entendia. Era um chamado? Pedido de ajuda? Peguei a espingarda e segui no rumo acompanhado pelos cães, Cigano na minha frente, rosnando a sua fidelidade tão amiga - que saudade dele!

Ao chegar a uma distância segura, eu lhe enxerguei. Você falava coisas incompreensíveis no meio da escuridão: uma zoada desconexa, porém numa voz tão mansa que parecia nem ser deste mundo.

- O que o senhor deseja? Perguntei.

- Bebo água dos passarinhos nas estradas... vem de longe... fome.

Você vestia um paletó cinzento ensopado, cheio de objetos pendurados no corpo: colares, pentes, espelhos, bonecas infantis, pedaços de coisas tantas que eu nem consegui distinguir. Continuou falando e, enquanto falava, às vezes sorria como faz uma criança. De onde vinha? Para onde ia? É claro que padecia do perfeito juízo, esse que todos nós, de uma forma ou de outra, padecemos na vida e que somente Deus conserva o correto lá no seu infinito.

- Aguarde um pouco que eu já volto.

Retornei ao meu quarto na fazenda e trouxe de lá um pacote fechado de bolachas. E dessa vez não tive medo. Cheguei mais perto de você, Peregrino, e vi o seu sorriso quando recebeu o alimento tão simples que eu lhe oferecia. Você me falou mais duas ou três frases incompreensíveis e depois foi embora pela estrada entrecortada de poças de água, desaparecendo na escuridão - mas não para sempre. Eu nunca lhe esqueci. Mas como demorou a lhe reencontrar e reconhecer!

Cigano morreu envenenado com isca para ratos, durante uma infestação de cascavéis que assombrou os trabalhadores e a mim. Os outros foram sacrificados pois se viciaram a caçar as cabras dos vizinhos de noite. Nunca mais eu quis ter cachorro nenhum. Cigano ficou como o meu cão preferido, desde que o encontrei na beira da pista, tão pequenino, depois de outra daquelas noites de trovões e chuva. Tinha pulado de um caminhão de mudança durante a madrugada e a tira de pano vermelha que o amarrava havia se partido, sendo arrastado pelo asfalto, deixando o corpo em chaga viva. Estava desolado debaixo de uma moita quando passei com o carro. Tomei-o nos braços e levei para a fazenda. Pensei-lhe os ferimentos. Estava faminto, assim como você, Peregrino.

As tempestades nos trazem cada coisa, meu amigo! Muitas desaparecem, ficamos sem compreender, assim como aquela sua conversa na porteira. Mas outras penduramos no corpo e saímos com elas penduradas no corpo, pelas estradas. E elas pesam. Pesam muito!

Encontro na areia da praia um pequeno broche prateado. Era a insígnia de piloto de treinamento que ficava preso na lapela do macacão cinzento do Velho - o que eu vestia escondido e cabia três de mim. Uma vez o monomotor em que estávamos, eu, ele e um piloto amigo, perdeu-se bem longe, numa tempestade entre as nuvens, e avistamos a morte de perto. O aviãozinho virava e revirava para os lados, e o piloto baixou o trem de pouso para estabilizar. Não adiantou. Era descer, tentar pousar ou morrer. Ou os três juntos.

Uma pista de pouso de terra batida foi vista ao longe, lá do alto, depois de muita aflição e procura. Um vôo raso pela pequena cidade e pousamos. Mas a pista estava abandonada e arbustos de jurema preta abriram um buraco na asa esquerda. O piloto sofria do coração. Tomou logo um comprimido. Um jipe da cidade chegou depois em nosso socorro. Fui ordenado a consertar a asa do aviãozinho com uma rele folha de flandres. Gelei. Na cidadezinha perdida no cerrado encontrei um funileiro de calhas de telhado e alguma massa epóxi. O remendo cravado na asa até que ficou bonito, mas comprometeu a estabilidade da decolagem e do vôo nos dias seguintes. Se aquele remendo saísse da asa durante o vôo, seria o nosso fim e o avião cairia.

Onças pintadas viviam na região. E diamantes debaixo do chão. E o bagaço de nossos corpos seriam encontrados no meio delas.

Na volta, a fiscalização do aeroporto registrou o ocorrido e não aceitou o argumento mentiroso do *choque de um pato*. O piloto perdeu a licença. Mesmo assim continuou voando. Voar vicia, Peregrino, você sabe. Mesmo em meio de tempestades.

Guardei o broche prateado que encontrei no meio das coisas espalhadas na beira da praia, entre os sargaços. Eu tinha ouvido a explosão do barco contra os arrecifes durante a madrugada. Havia sido um naufrágio. Um dos muitos que acontecem.

Igual aos das enchentes do rio que destruiu tudo em nossa casa por duas vezes. As fotografias perdidas são irrecuperáveis (eram de celulóide) E tudo o mais que havia, assim, de pequeno, sem preço, mas precioso.

Mais na frente encontrei o um mastro do barco. Ele estava todo riscado de estranhos arabescos e segredos nas faces da madeira de lei. Tomei-o nos braços e senti como pesava, pois ali estava o registro de tudo. Era só decifrá-lo. Os vestidos que pareciam de boneca eram os da minha irmã morta. Aqueles que abracei depois de vê-la descer no caixão, e corri a procurar pelo seu perfume, tão volátil, os mesmos cujas notas envolveram as suas últimas palavras em nossa ignorada e antecipada despedida:

- Não imaginas o quanto eu te amo!

São muitas as tempestades, Peregrino que bebe a água dos passarinhos pelos caminhos nas estradas. E o mastro do barco conta muitas em arabescos sulcados pela dor - a mesma dor que a gente dá de beber, depois, nos bares de ruas e becos perdidos. E não os decifro. Eles perdem o sentido como o seu discurso na porteira na escuridão da escuridão. Algumas coisas não têm mais jeito. Elas desaparecem para sempre. Mesmo as enfiadas numa garrafa bem vedada e jogada ao mar.

Ninguém entende essas regras de Deus.

Todos os beijos que te dei faziam parte daquela tiara de pequenas florezinhas azuis que colhemos no chão, Maria. As que nascem breves e multicoloridas no início das chuvas, e os cobrem os campos secos. Se pareciam de seda fina? Mas e não é esse o destino dos beijos perdidos? Como as flores que eu colhi e fui tecendo nos teus cabelos pelo caminho.

Um daguerreótipo colorido à mão fica gravado dentro da gente. Encontrei um, debaixo de uma concha, na areia. O papel de linho estava metade destruído e coberto de espuma. Um milagre. Levei-o comigo para expor como prova do nosso sonho. Estava tão pouco nítido que nem as lágrimas que derrubei depois foram capazes de apagar seus breves contornos. Algumas coisinhas se perpetuam.

Quando a fuselagem do monomotor começou a tremer e a sacudir forte no meio da tempestade, eu senti que ia morrer sem eles, os teus beijos, no meio daquele inferno de nuvens escuras, raios e trovões. Que bom que gente sempre se engana na vida. Mas nem sempre.

Há muita coisa frágil pelo caminho. Algumas parecem como aquelas fitas coloridas de serpentina que logo se rompem durante as festas. Uma vez, na Estação de Austerlitz, em Paris, íamos eu e minha irmã para Lisboa e o Velho para a Alemanha. Nos despedimos com tristeza por causa do fim do passeio. Quando o trem começou a partir lentamente, eu vi de repente o Velho correndo atrás de alcançar a nossa janela do vagão. Corria desesperadamente trazendo um embrulho nas mãos. Quando, enfim, conseguiu nos alcançar, entregou-me o pacote com um sorriso de alívio. Eu já tinha o rosto banhado em lágrimas, Peregrino. Eu sabia bem dentro de mim que aquela despedida não era ainda a definitiva, mas seria de longe a mais lembrada. E quando abri o embrulho, encontrei dois sanduíches de presunto para o nosso lanche na viagem. Acenei-lhe agradecido. Para sempre e por tudo.

A medida que o trem acelerava, eu parecia ver rostos queridos a desfilar pela janela, numa despedida que aconteceu somente muitos anos depois. Levaram todos pedaços de mim, como o famoso poema sobre o sino de John Donne. Eu falhei em esquecer de dizer-lhes tantas coisas. A maioria de gratidão, de como foram importantes e de como os amava. Depois o trem acelerou tanto que os rostos desapareceram. Até o da minha irmã. Fiquei sozinho na cabine do vagão.

Com o Velho não foi diferente. Muitos anos depois, observei o seu caixão coberto de flores no velório: o chão repleto de coroas com homenagens inúteis - tão frias e tardias. Não me aproximei do seu corpo, tanta era a dor. Noites antes eu tinha acordado no quarto do hospital, de madrugada e, para o meu espanto, ele estava de pé me olhando em silêncio.

- Que foi, pai?

- Nada. Só estava vendo você dormindo.

E agora era ele no último trem descendo chão a dentro. E eu sequer tinha um sanduíche para lhe oferecer na despedida. Comprei uma rosa vermelha. E só uma, que uma rosa se basta.

Dei todas as coisas dele depois. Dos livros eu fiz uma fogueira. Queimei também nela os montes de documentos e escritos que ninguém mais tinha interesse em ler (Nem eu desejava guardar). Fiquei apenas com uma pesada sacola cheia de medalhas, diplomas, alguns títulos, e com as dívidas - frutos dos sonhos e desespero das tempestades de sua velhice. Não levarei para a exposição, Peregrino. Sonhos não possuem legendas. E eles não interessam a ninguém.

As lavadeiras e canários forravam o gramado do campo do meu colégio nas manhãs da infância. Festival de passarinhos comendo sementes de capim e, assim como você, bebiam a água das poças de chuva. Eles todos sumiram quando chegaram os pardais. E o campo virou um terreno de terra batida onde jogávamos futebol.

Um veterano pracinha da Segunda Guerra, pai de uma funcionária, vendia canetas numa latinha. Ele nada falava. Apenas olhava para algum ponto fixo, perdido, e respondia o preço de seus humildes produtos.

Depois a universidade e suas perversões. Sua opressão comunista, niilista, ateia e surreal. Fui perseguido covardemente por ser filho do Velho e por defender meus princípios morais e éticos. Fui humilhado por décadas. Uma cruz. naquele tempo, eu vi a antiga namoradina do colégio perdida, praticando aborto, resultado de suas iniciações nas mesas dos bares da época. A contracultura e seus frutos.

A irreverência destrutiva do inferno que nos engolia sem que percebêssemos. Tudo em nome de uma solidariedade humana, onde a Verdade, a Beleza e o Sagrado eram estuprados por uma esquerda que se intitulava benéfica, mas que era somente e apenas estúpida e orgulhosa em ser medíocre e muito perversa. Em nome de uma desconstrução absoluta de tudo o que significava passado. A progressiva destruição dos alicerces da civilização. Eu não me lembro muito de mim também naqueles tempos também -como diria meu sobrinho pequeno. Sofria o preço de uma sólida formação judaico-cristã conservadora e da muita literatura que consumia. Lembro de meus escritos escondidos. Das noites ouvindo discos psicodélicos com amigos.

Foi quando encontrei poetas e escritores me sequestraram para suas casas, becos e mesas de bares. Publicaram meus livros. Publicaram-me em capas de jornais. Em cartazes nos ônibus que circulavam pela cidade. Os prêmios literários precoces. Eu, apenas um menino. Deus é testemunha que a minha humanidade era cega e não cabia na ideologia deles. O amor dos outros aprisiona a gente, Peregrino. O amor e sua atmosfera. Que tamanha força ele possui!

Desse tempo, não lembro da última vez que fui à minha igreja. Somente de uma carta de despedida que mandei para o pastor. A gente se despede o tempo todo na vida e nem se apercebe direito disso.

Os rostos passam pela janela do trem que ganha velocidade. Tantos conhecidos indo embora para sempre. Tanto ficou para agradecer-los.

O professor amigo, o de inglês, de vida, de tantas outras coisas, eu soube numa manhã, no portão de sua casa quando fui assistir aula. O Velho me levou ao enterro dele. Escrevi um bilhete e preendi no ramallete de rosas que coloquei sobre o túmulo. Depois a pancada do avô e amigo. A irmã (abracei os seus vestidos quando voltei do cemitério para sentir seu perfume ainda presente). Depois o Velho. E de um rosário de gente. Até hoje vivo enterrando gentes e coisas, fugindo dos velórios da memória. Eles me custam muito caro. Não abro um álbum de fotografias. Elas serão jogadas fora mesmo, algum dia, por alguém que não vai saber mais o nome daquelas pessoas. São como os arabescos gravados no mastro do barco que achei na beira da praia. Como o pacote dos sanduíches vazios no vagão do trem que corria nos trilhos. Assim, levar tudo nas mãos, nos braços - quanto a gente suporta? Adianta pendurar no velho paletó surrado, ao seu modo, e sair pelas estradas no meio das tempestades?

Farei a exposição. Será a primeira e última. Talvez faça sentido. Será como um mosaico das capas dos discos de vinil psicodélicos da juventude.

Com o tempo, a gente vai perdendo o valor que imagina que tem. A polícia parou a caminhonete no meio da rua, o povo olhando. Eu e o Velho, como bandidos, as mãos pro alto, numa revista inútil e humilhante. E logo ele que tinha recebido o título de cidadão daquela cidade no passado. Quanta ironia. Outra vez fui eu, na estrada escura, madrugada, a polícia encapuzada com pistolas e fuzis na minha cabeça.

- Tira a lona do caminhão! O que tem aí dentro? Ví a hora morrer novamente.

Eram apenas maracujás encaixotados. Somente. Sobrevivência na agricultura.

De morte, ameaçado várias vezes. De revólver, no cumprimento do dever, no trabalho. Oito cargas de dinamite, trezentos metros de profundidade numa mina. Não nos viram entrar. Era um domingo. Bebi tanto quando saí dali, eu penso, deve ter sido quando comecei a despertar os cromossomos de antepassados.

- Carlos, vá para casa. Não beba mais. Você é um homem bom!

Disse-me a jovem prostituta. Ela tinha me contado sua triste vida toda antes da polícia chegar e fazer a revista. Eu apenas lhe disse que minha Irmã e amiga que partiu comigo da Estação de Austerlitz havia morrido. Ela me escutou em silêncio. Recebeu o dinheiro, mas me escutou. Ah, como isso faz diferença! Acordei horas depois com

o carro enfiado no mato, no caminho da fazenda. Isso foi muito depois de você ter aparecido, Peregrino. A dor não cabia dentro de mim. E ela pesava muito. Por isso é que os barcos se chocam contra os arrecifes nas noites de tempestade e espalham tudo pela areia. O casco afunda para sempre, com o peso, para os peixes, para o fundo do mar.

Uma vez a velha caminhonete teve uma pane elétrica no meio da noite e do nada. Eu e o Velho caminhamos até a cidade mais próxima. Onde mora um eletricista? Ali. Mas era sábado e ele não trabalhava.

- Só vou fazer o conserto depois da sessão do cinema.

Fomos com ele também. Era um filme de faroeste. O Velho gostava. Depois seguimos até à velha caminhonete problemática e o eletricista deu lá o seu jeito - mas só por enquanto. A gente se divertia nas adversidades. Coisa errada. E ainda havia quem o chamasse de bajulador de poderosos, de reacionário, de tudo. A inveja tinha de ser mesmo o primeiro crime da humanidade. Mas Deus sabe a minha herança: A Verdade, a Beleza, o Sagrado. E vergonha na cara.

Farei a exposição. Ninguém pode carregar tanto peso na vida.

|

Uma vez ele me deu de presente uma luneta. Eu via a Lua, as crateras, mas nem São Jorge nem o dragão. Procuramos juntos encontrar Saturno. Nada. O mapa da Enciclopédia Britânica não disse que o movimento da Terra tem de ser acompanhado, e que a luneta que possuíamos era fraca para ver o planeta e seus anéis. Então eu me contentei em ver as casas, as pessoas na rua. Até que um primo resolveu abrir a luneta e misturou as lentes. Ninguém mais acertou a ordem delas. Ficou imprestável.

Lá no Sertão, quando avistam no céu uma estrela cadente, eles possuem o costume de exclamar:

- Deus te guie, Zelação!

E quem sabe para onde vai uma estrela cadente, nem de que parte do infinito ela vai ou vem? É impossível ver uma estrela cadente com uma luneta. Elas são rápidas demais, Peregrino, assim como a vida da gente.

A ordem das lentes muda tudo, a visão das coisas, meu amigo, mas nem por isso elas deixam de ser o que são. O Velho me deu tantos presentes que nem me lembro mais de todos. Um trem elétrico, um aviãozinho que voava de verdade, um laboratório de química e um pequeno microscópio. Mas o microscópio não me serviu para ver um átomo.

Naquele dia, caminhando pela praia, carregando coisas, eu vi a bússola quebrada. De primeiro pensei que devia ser a do barco afundado, mas depois eu reconheci que era a dele. A que encontrava água para os tantos poços que eu vi jorrar. Os poços onde tomei banho, quando menino, com os moleques do sertão, felizes, junto com o povo das cidadezinhas. Eu trouxe a bússola comigo. Ela possui o ponteiro travado, apontando o Norte de mentira. (As bússolas também mentem). Precisam ser corrigidas como as lunetas pois, a Terra, quando gira, confunde a todos; também os intrépidos navegantes e as marés.

Faltou-me uma bússola muitas vezes na vida. As estradas são tantas, você sabe. Uma vez me perdi numa delas, num leito de riacho seco. A noite chegou. Eu andava cren- te que seguia em linha reta, até descobrir que estava dando voltas como um peru bêbado. Os cães das casas me acuavam. Ninguém abria as portas para um estranho tarde da noite. Até que um samaritano me socorreu. Um esperto me levou no seu carro para a cidade onde eu dormia e depois me limpou a carteira pelo serviço. Ficar perdido tornou-se frequente desde então. Mas isso era um sentimento antigo. Eu já me sentia nos salões dos palácios que conheci - até em Mônaco-, em reuniões com gente que se achava importante. Depois, no esgoto universitário. Menos nos becos com os escritores socialistas amigos, anônimos e inéditos. Ou sozinho, em mesas de bares tantos, a escrever em cadernos os passarinhos que eu prendia com a caneta. A solidão sempre foi a minha querida namorada, esposa e amante. Eis a definição de um deslocado, *misfit*. Mas ainda é muito pouco - é só um rótulo.

Todos esquecem que a Terra gira. Que barcos se chocam contra os arrecifes em tem- pestades noturnas - as mesmas que ameaçam derrubar pequenos aviões atrevidos.

Quando jovem, o Velho foi cameraman de um famoso programa no tempo da televisão em preto e branco. Eu era criança. Mas quando ouvia a famosa canção americana que anunciava abertura, eu corria para a frente da TV, tentando vê-lo. Mas, posicionado atrás da câmera, ele nunca aparecia. Eu ficava feliz pois sabia que ele estava ali, de uma forma ou de outra. Lembro dos apresentadores elegantes, da marca do sabonete patrocinador, das entrevistas com gente importante e hoje já totalmente esquecida. Todos. Quando as lentes de uma luneta se misturam, ela fica imprestável. É o tempo.

Décadas depois das muitas vezes que enterrei o Velho, seu neto mais novo inventou de aprender violão. Acordei várias vezes de noite, ouvindo a canção enfeitada e fui até o quarto dele.

- Quem lhe ensinou a tocar essa canção? Respondeu-me que tinha aprendido na internet. Achou-a bonita e acertou nas cifras. Era a mesma da abertura do programa da TV. Pedi-lhe que parasse de tocar. Por quê? Porque existem coisas que a gente prefere nem encontrar em restos de naufrágio.

Houve um tempo em que me perdi de tal maneira, que cheguei a ter absoluta certeza de nunca mais encontrar o caminho de volta pra casa. Tomava um avião, buscava uma grande cidade e, numa famosa rua boêmia, ficava subindo e descendo o dia inteiro. Depois desmaiava num hotel e não sabia mais quando acordava. Já nem me importava andar em círculos e, creio que, nem mesmo com a vida. Vivia somente tangido pelo vento.

Visitava a feira japonesa, o mercado. Uma generosa amiga incomum que tudo me ouvia e guardava o silêncio. Depois, voltava e subia a rua como cercado de dunas num deserto interior. Lembrava muitas coisas. Noites do céu fervilhando de estrelas. Das vezes que, caminhando sozinho na escuridão da caatinga, sentia alguém invisível caminhando meu lado, e me arrepiava. De Cigano deitado na porta do meu quarto. Do cheiro perfumado da chuva se renunciando, dos muitos amigos perdidos pela distância, e dos beijos: todos os que dei e recebi. Dos amores que não tive competência para retribuir. Das tempestades, e da noite em que você chegou, Peregrino. Dos objetos do naufrágio espalhados pela areia da praia, misturados com os sargãos numa manhã de veraneio.

Foi também assim, numa manhã que, perambulando numa rua dessas, entrei por acaso numa pequena e antiga capela. Havia velas numa mesa. Comprei uma e, mais adiante, acendi-a no grande candelabro posicionado na entrada, fixando na areia junto das outras. Fiz e não me pergunte como nem por quê. A capela estava vazia. Foi então que olhei para frente, no alto, e encontrei o ícone dele a me observar: O Pantocrator - a mão numa bênção: Três em um, duas naturezas. Então finalmente eu tomei consciência que havia voltado para casa. Tinha andando em círculos quase a vida toda. Não sei explicar, não li completamente esse livro todo. Não ainda.

Eu me ajoelhei sem perceber. E foi quando nasceu a ideia de fazer a exposição das coisas todas. E tinha certeza de que seria um sucesso (eu ainda me iludia com isso). A divulgação na imprensa, jornalistas, intelectuais, pessoas importantes. Uma curadora conhecida faria a produção do evento e, um arquiteto, a disposição dos objetos: o mastro do barco ficaria exposto numa mesa de vidro, ao centro, o riscado de estórias como as da garrafa, sedentas para serem contadas. Quadros nas paredes, fotos, painéis. Garçons servindo canapés com caviar, camarões enormes em pratos de fina porcelana. Seria um grande evento na sala de uma famosa galeria em avenida. Uma exposição como nunca. Convites com entrega personalizada. Receberia os comentários da sociedade que eu conheci por um tempo tão grande, imenso e vazio.

Eu compreendi que a minha vida havia novamente mudado naquela capelinha, Peregrino. Retornei a ela outras vezes, fazendo as mesmas coisas, sempre sob o olhar penetrante do ícone. Mas, independente disso, a exposição teria de ser feita. E mesmo sem receber o convite, eu pressentia que você iria, Peregrino. Eu não sabia como você estaria agora, com que idade e aparência. Mas isso pouco importava. Você agora não iria mais beber a mesma água dos passarinhos, mas champanhe - Teria um garçom exclusivo para você. E a sua volta, a minha particular exposição do Belo, da Verdade, do Sagrado. Tudo como fora planejado desde o início, e mudado pelo homem perdido e cansado de se servir da comida dos porcos. Mas agora encontrado, e de volta à casa do Pai, numa grande e majestosa festa!

Certa vez eu escrevi várias cartas contando histórias escondidas, coloquei numa garrafa, fechei com uma cortiça e joguei-a no mar. Apesar de velho, eu ainda era muito criança na época. Naquela manhã, enquanto coletava os restos do naufrágio do barco, encontrei a garrafa na areia da praia. Reconheci que era a mesma. Algumas coisas a gente nunca esquece. Estava completamente vazia. Um pouco quebrada na boca e bastante arranhada pelo vai e vem das correntes marinhas. Eu a trouxe comigo.

Aos três anos de idade, depois da última morte do Velho, seu neto mais novo chegou para mim e disse:

- Tio Bibi, eu não lembro mais o rosto dele.

Fazia um ano que ele tinha desaparecido, assim, como aquela antiga despedida na estação de Paris.

Foi uma das frases mais belas, verdadeiras e tristes que já ouvi na vida, Peregrino. Pois eu tenho medo de um dia esquecê-lo também. Ele, você, tudo. Estradas e veredas se turvam. Álbuns de fotografia amarelam e os que vão nascendo depois não mais reconhecem os seus antepassados. Esquecer é o nosso destino. Mesmo nas fotos digitais dos computadores, entre os e seus vírus que os microscópios não enxergam, nos pen drives oxidados. Viramos todos garrafas vazias que o mar devolve sem respostas. Sem as histórias que tínhamos para contar.

Acendo uma vela outra vez na mesma capela Ortodoxa de Antioquia. Entrei no meio da missa e ainda ouvi o cantar de um salmo e a comunhão que acompanhei de longe. A distribuição dos pães. Para mim, uma comida não servida - nem um pacote de bolachas secas eu mereci. Mas na saída, no corredor, encontrei o padre. Pedi-lhe uma bênção.

- Abençoe este Peregrino, Padre!

- Peregrino, Deus te abençoe! Respondeu sorrindo e no seu sotaque árabe, traçando uma cruz invisível com a mão na frente do meu rosto.

Lembrei das rezadeiras do Sertão quando eu era pequeno. Um emaranhado de palavras que ninguém entendia, enquanto faziam o sinal da cruz com um galho de mato verde. Árabe, Aramaico, Grego, murmúrios de rezadeiras: Muitas estradas levam a Jerusalém, Constantinopla, Antioquia e Roma. Estradas que sobem e descem morros e serras. Atravessam rios, mares. Passam por bares, bordéis e outros desertos. Passam também na Estação de Austerlitz. E por cemitérios.

Quem nunca viu crianças nuas caminhando a esmo em volta da casa de taipa, nariz escorrendo, imundas, envolvidas na miséria, ou um grupo delas. Ou do lado da mesa de um bar de beira de estrada no Sertão nordestino, esperando o almoço das pessoas terminar para avançarem nas sobras do prato.

Quem nunca afagou o rosto de um bebê falecido, deitado num caixãozinho humilde e enfeitado com flores do campo, sem nem o direito de uma autópsia da passagem da vida, sendo levado por outras crianças até uma cova rasa no campo santo mais próximo. Quem nunca ouviu a agonia dos gemidos de um recém-nascido morrendo aos poucos, de causa indeterminada, na casa de um pobre vaqueiro. E o barulho nervoso de suas esporas presa nas alpercatas, a andar pela sala pedindo a Deus pela misericórdia da morte. Ou o almoço de uma família de um prato de favas cozinhadas com água e sal, o olhar de um pai de família cujo salário não comprava um quilo de carne.

Quem nunca viu surgir no meio da neblina de uma pista asfaltada, uma senhora louca, completamente nua, caminhando sem rumo, sendo desviada por carros e caminhões. Quem nunca presenciou o lamento de um pai por não possuir sequer um vestido decente para enterrar a filha adolescente que se enforcara sem motivo, deixando um bebê a sorrir com pungente ingenuidade no colo de uma tia.

Quem nunca se despediu para sempre de quem amava, assistindo a sua agonia até o último suspiro de vida. Quem nunca percebeu o barco navegar em direção dos arrecifes no meio de uma tempestade. O naufrágio iminente. Nunca acordou de manhã cedo com o rosto mergulhado do vômito de sua desesperança e, um dia, por milagre, se deparou com o ícone do Pantocrator olhando para sua vida, informando sua volta para casa. O que sabe da existência? Que ela se resume às promoções dos shoppings centers? Da hipocrisia e maldade dos seus amigos e companheiros que emporcalham o Belo, a Verdade, o Sagrado no trabalho, nas farras, nos corredores das universidades do maligno? E se rendem a zombar do que é perene, alicerce do amor, da ingenuidade comum daqueles que são por natureza generosos de coração?

Essa gente não sabe de nada! Eles são como gadarenos a vagar pelos dias em busca de grutas para esconder os pedaços da carne podre que lhe caem dos corpos. Legiões em busca de uma vara de porcos à despencar no precipício. Desconhecem todos o valor simbólico das pequenas coisas encontradas na areia da praia, os restos dos naufrágios a que todos se destinam encontrar, até quando um dia, numa cama de hospital, se deparam com as gotas da bisnaga de um tubo de soro a descer pelo tubo de plástico que penetram em suas veias anunciando a visita final do anjo negro.

Vês aquela capela no alto da colina? Toca um sino que chama. Lá estão todos aqueles que doaram o amor na tua infância, aquele amor nem sempre gravado na primeira memória: um doce, a mão firme que te atravessava a rua, um presentinho de Natal. O conforto noturno, as estórias de fantasia, cobertores de carinho. A eles estão destinadas as nossas primeiras ingratidões. Pois a ninguém é dado a bem aventurança de agradecer tudo de bom que recebeu na vida, sobretudo na tênue sombra da infância. Nunca serão gravadas. A vida não é um livro de contabilidades, Peregrino, e por isso somos todos endividados. E se assim não fosse, por algum outro misterioso motivo, talvez ela nem valesse à pena ser vivida.

As estações ferroviárias são lugares tristes. O trem parte e, pela janela, rostos vão desfilando. Passam lembrando o que foram em nossas vidas, Peregrino. Uns que sorriem e outros nem ao menos nos percebem. E tanto faltou ser dito... Somos dívidas ambulantes.

O trem aumenta a velocidade. Semblantes ficam irreconhecíveis. Perdem o contorno das feições que a primeira memória não gravou. É como os desenhos num caderno infantil de crayons borrados.

- Adeus a todos e muito obrigado! Nos veremos um dia? Nos veremos algum dia, Pantocrator?

Abençoe-os, Padre! Algumas não deveriam desaparecer jamais. Elas nos deixam vazios, assim como as garrafas encontradas na beira da praia. E eu tenho medo de um dia esquecer como elas eram.

O trem apita, ganha mais velocidade. A estação ficou longe. E me descubro sozinho no vagão, sem a minha irmã. Tudo o que eu levo nas mãos é um saco de papel que embrulhava os sanduíches. E é com ele que eu vou ter que tocar a vida.

Aconteceu tudo como foi planejado. Eu fiquei na entrada para receber os convidados para a minha grande exposição. A minha ansiedade, velha companheira, me pedia para beber algo forte, mas resisti. Todavia, passou-se uma, duas, três horas, e por incrível que pareça, ninguém apareceu. A minha decepção era palpável.

Constrangida, a polida mas pragmática curadora da exposição tão cuidadosamente planejada, compreendeu que havia sido um retumbante fracasso. Ao passar por mim para ir embora, ela apenas me fez uma medida de lamento e saiu. Em seguida, liberei os garçons que me observavam desolados. Pedi que levassem toda a comida e a bebida para suas famílias. Foi assim que aconteceu. Fiquei sozinho no meio daquele enorme e elegante salão tentando compreender o que havia acontecido. Um boicote. Mas o que eu teria feito de errado?

Olhei a exposição ao meu redor, objeto por objeto. O quanto me custara reunir aquilo tudo encontrado na areia da praia, depois da tempestade? Tudo o que nos sobra no final da vida são as recordações, Peregrino. As lembranças. Mais nada. E elas são indiferentes e invisíveis aos olhos alheios. Somente nós sabemos de sua existência e quando vamos expô-las, ninguém se interessa por elas.

Foi então quando, para a minha surpresa, você surgiu na porta de entrada! Vestia aquela calça azul marinho, a antiga, a desbotada. Uma camisa xadrez e o par de tênis azul e branco - o mesmo com o qual também jogava bola no colégio.

Você entrou, apreciou vagarosamente cada quadro vazio, onde estavam expostos todos os objetos invisíveis. Leu as histórias riscadas na madeira do mastro como se o estivesse enxergando e a tudo compreendendo. Por vezes você ficava sério - raramente esboçava um sorriso. Depois, mergulhado no seu silêncio de menino, circulou toda a sala, como que compreendendo todos os motivos daquela exposição completamente vazia. Mas durante esse tempo você sequer olhou para mim. Foi como se, de certa forma, eu também não existisse. Você não reconheceu o homem da porteira naquela noite da tempestade. Eu confesso que fiquei decepcionado, pois ao menos você poderia ter me perguntado detalhes das histórias de alguns dos objetos ali presumidamente expostos.

Depois de observar tudo, você se dirigiu até a saída, passando ao meu lado, e simplesmente foi embora, caminhando pela calçada, embrulhado pela noite que se anunciava. Eu fiquei ali, paralisado na entrada da galeria, Peregrino, olhando seu pequeno vulto infantil sumindo na distância. E fiquei a pensar comigo o quanto você ainda teria de caminhar pela vida.

E você não me reconheceu.

Somente quando alcançou a esquina, parou por um curto momento e, virando-se, olhou para mim e sorriu. Arrisquei um breve aceno de adeus com a mão e você respondeu, menino de meu pai. E desapareceu para sempre, dobrando a esquina de uma rua.

Banhado em lágrimas de conforto e gratidão, eu só tive forças para murmurar baixinho:

- Deus te guie, Zelação!

Luis Manoel Siqueira,
escritor pernambucano, publicou 20 livros,
dentre eles: "A Idade da Pedra", "Farewell
Acaju", "A Urgência de Animar o Coração",
"Todas as Janelas do Mundo", "Jamais Houve
Trevas", "O Jardim do Seu Vestido" e
"Neruega".

Ganhou vários prêmios e foi incluído em
antologias, publicado em jornais e revistas
literárias.

